

O MARXISMO DE CHE GUEVARA E O SOCIALISMO NO SÉCULO XXI¹

O AUTOR

CARLOS TABLADA (Havana, 1948).

Licenciado em Sociologia e Filosofia, Doutor em Ciências Econômicas. Instrutor, Professor Assistente do Departamento de Filosofia da Universidade de Havana (1967-1971). Pesquisador do Vice-Decanato de Humanidades da Universidade de Havana (1971-1973). Professor Titular adjunto da Universidade de Havana desde 1988. Membro do Centro de Pesquisas de Economia Mundial (CIEM), Havana, desde 1991. Pesquisador Titular do Centro Tri-continental (CETRI) e redator (fevereiro de 1996 – março de 2004) de sua revista em francês *Alternatives Sud*, Louvain-la-Neuve, Bélgica. Membro da direção da mesma revista na edição italiana, Milan. Fundador de “El Outro Dávos” e do Fórum Mundial de Alternativas (FMA), responsável pelas publicações do mesmo. Membro do júri do Prêmio Casa das Américas, 1992.

Como Professor convidado, tem ministrado cursos, seminários, aulas e conferências em 155 universidades de 31 países da América Latina, América do Norte, Europa e África.

Tem escrito e publicado vários livros e dezenas de artigos e ensaios em revistas especializadas. Trabalhou durante 17 anos como diretor econômico de uma empresa nacional cubana (EMPROVA) da Secretaria do Conselho de Estado da República de Cuba.

Carlos Tablada é membro da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC). Foi vencedor do Prêmio Casa das Américas em 1987 com o livro “*El Pensamiento Económico de Ernesto Che Guevara*”, do qual foram publicadas 32 edições e duas reimpressões em 13 países e em 9 idiomas, com mais meio milhão de exemplares publicados até esta data.

¹ Conferência apresentada pelo Dr. Carlos Tablada Pérez na Palestra Internacional Che Guevara, celebrada na Universidade de Pau, França.

Permitam-me agradecer ao Centro de Altos Estudos Fernando Ortiz, dirigido e fundado pelo Dr. Eduardo Torres Cuevas, e aos dirigentes e membros do Laboratoire de Recherches en Langues et Littératures Romaines, Études Basques, Espace Caraïbe de la Université de Pau, pelo convite a este encontro acadêmico e humano, e particularmente ao professor Jean Ortiz que possibilitou minha presença aos senhores; igualmente desejo também agradecer àqueles que tornaram possível a magnífica organização deste evento.

Vários companheiros têm solicitado que inicie esta palestra, contando a história do meu livro *O Pensamento Econômico de Ernesto Che Guevara*, filho da alma, que, em vinte anos, desde que foi publicado pela primeira vez, supera as 32 edições e três reimpressões em nove idiomas, com mais de 500 mil exemplares vendidos, sem contar as edições piratas em dezenas de países.

Aos dezenove anos, comecei a trabalhar como professor no Departamento de Filosofia da Universidade da Havana, em abril de 1967. No final desse ano, assisti a uma conferência ditada por um professor soviético na Escola de Ciências Políticas. O professor, em seu discurso, afirmou que a Revolução Cubana de 1959 havia triunfado em função da greve geral, que a luta armada na Serra e na planície tinha sido irrelevante, que Che Guevara estava profundamente equivocado em todas suas críticas à economia da URSS e à dos países do Leste.

Como ninguém se manifestou, pedi a palavra. Em sua primeira afirmação, consegui aportar argumentos convincentes, avalizados pelos fatos e reconhecidos até pelos inimigos da revolução. Quando tentei rebater as críticas a Che, percebi que não conhecia suficientemente Che Guevara; amava-o, respeitava-o, mas não podia rebater nenhum dos argumentos expostos pelo professor soviético.

Saí da conferência aborrecido comigo mesmo e fui direto comprar livros escritos por Che. Apesar de percorrer várias livrarias, não encontrei

nenhum. Tampouco achei livros escritos sobre Che. Acabei parando na Biblioteca Nacional de Cuba e revisando revistas e jornais.

As idéias de Che Guevara, principalmente seu modelo alternativo ao socialismo real, não estavam expostas ordenadamente em livros, em uma obra metodológica, mas espalhadas em dezenas de artigos polêmicos, cartas, gravações e na obra viva do funcionamento de 152 empresas industriais, com 2.200 unidades de produção e com mais de 200 mil trabalhadores ao longo de toda a ilha.

Propus-me, em 1969, ao desafio de recopilar, estudar e apresentar, em um livro, a essência das idéias econômicas, sociais, políticas, éticas e filosóficas de Ernesto Che Guevara. Em julho de 1984, quinze anos depois, alcancei meu objetivo. Três anos mais tarde, meu livro tornou-se conhecido por ter conquistado o Prêmio Casa das Américas de 1987.

Voltando a 1968. Nesse ano solicitei às autoridades do Departamento de Filosofia da Universidade de Havana um ano sabático para ir trabalhar de boiadeiro, o que me foi concedido. Entre vacas, terneiros e pasto, concebi um plano que abarcaria cinco pesquisas. Hoje estou culminando a segunda, iniciada há dezenove anos, em 1988.

Em maio de 1969, regressei ao Departamento de Filosofia e, em 1º de junho, enquanto nascia minha primeira filha, Johanna Ruth, comecei a escrever *O Pensamento Econômico de Ernesto Che Guevara*.

No final de 1971 meu centro de trabalho foi fechado, e, com isso, a proibição de seguir sendo professor. Continuei por minha conta (durante o tempo livre, depois de trabalhar em outra coisa para manter a família) a pesquisa sobre o pensamento de Che. Ainda que não estivesse na moda e fosse tabu durante os anos de cópia do modelo soviético, não abandonei os estudos do Che.

Apreendi com Che que devia me aprofundar no pensamento e na obra de Fidel Castro e retomar os estudos que anteriormente fizera sobre Jose Marti para poder sentir-me capacitado a começar a trabalhar com os três pensadores

simultaneamente. Em 1975, nas vésperas do 1º Congresso do Partido Comunista de Cuba, quando se começava a assumir o modelo soviético, entreguei à direção do país uma das primeiras versões do livro, que teve um total de 27. Nela eu discrepava do dogmatismo em que vivíamos e do que nos avizinhávamos na economia.

O livro não teria chegado a termo se não houvesse trabalhado no sistema empresarial econômico cubano. Fui diretor econômico e de serviços dos Planos Especiais de Educação (1973- 1975) e, a partir de 1976, da EMPROVA, uma empresa nacional de produção e serviços da Secretaria do Conselho de Estado da República de Cuba que contava com 2.823 trabalhadores e 52 fábricas e unidades de serviços.

Trabalhar na produção e nos serviços permitiu-me, em primeiro lugar, pôr à prova, com bons resultados, o sistema econômico criado e desenvolvido por Che e, a partir de 1977, aplicar o modelo soviético; por isso consegui analisar, como cubano, dirigente empresarial e pesquisador, o efeito de ambas as concepções na economia e na visão de mundo das pessoas.

Muitos amigos aconselharam-me, de boa fé, lá pelos fins dos anos 1970, que deixasse a pesquisa sobre o pensamento de Che, porque estava desperdiçando minha vida e meu tempo em um tema em que não havia interesse oficial. Não o fiz; continuei contra a corrente. Amávamos Che, Che e as crianças, Che íntegro, Che guerrilheiro, Che e os idosos, mas não tínhamos um conhecimento sólido de seu pensamento.

Há consenso que meu livro *O Pensamento Econômico de Ernesto Che Guevara* resgata esse outro Che e abriu a possibilidade em Cuba de pesquisar, sem temor, seu pensamento econômico, político, social, e filosófico. A partir da publicação dessa obra, para o bem de todos, começaram aparecer dezenas, centenas de artigos e livros e até de cátedras sobre Che, e essa foi a minha maior satisfação.

Todo o dinheiro recebido pelos direitos autorais tenho-o doado à saúde de meu povo, através do organismo a que pertencço há trinta anos, a Secretaria do Conselho de Estado da República de Cuba.

Na pesquisa, segui o método de não ler nada que não fosse escrito por Che. Não li livros nem artigos sobre Che nesses quinze anos dedicados a pesquisar e escrever.

Em Moscou, em 1986, dois anos depois de terminar de escrever, enquanto mexia na Biblioteca do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da União Soviética, no qual me encontrava para defender o Grau de Doutor em Ciências Econômicas, encontrei a obra *O Pensamento de Che* de Michael Löwy, a quem conheci no Departamento de Filosofia no início dos anos 1970, quando nos visitou. É um magnífico livro que recomendo a leitura e que hoje lhe rendo homenagem. Nestor Kohan, no prólogo à edição 29ª de *O Pensamento Econômico de Ernesto Che Guevara* refere-se justamente à obra de Löwy.

Desejo agradecer às pessoas de Luis Alvarez Rom, ministro da Fazenda nos anos em que Che foi ministro da Indústria, Fajid Ali Cordoví, Orlando Borrego, Haydée Santamaría, Elena Gil, Raúl Roa Garcia, Célia Sanchez Manduley, Dr. José M. Miyar Barrueco, Dr. Osvaldo Martinez, Dr. José Luis Rodriguez, Efrén Díaz Acosta, Dr. Oscar Pino Santos, Maria Julia Garaitonandia, Ricardo Alarcón de Quesada e a Fidel Castro Ruz. A alguns por terem me facilitado textos inéditos do Che e a outros por suas críticas às diferentes versões e pelo apoio efetivo com que me brindaram, particularmente Efrén, Osvaldo, Dr. Miyar e Fidel.

II

O pensamento, os sentimentos e a ação de Ernesto Che Guevara surgiram, expressaram-se e realizaram-se no centro do processo

revolucionário mais destacado e herético da segunda metade do século XX, a Revolução Cubana. Che Guevara pôde assumi-la criativamente porque teve três componentes em sua formação que o predispuseram a isto:

- A formação cultural, ética e social progressista (dada pela família e pelo meio social), colocou à sua disposição o mais positivo da cultura ocidental acumulada.
- A história da Argentina (país onde nasceu e cresceu) e da República Espanhola e suas lutas.
- Sua experiência em quase todos os países da América Latina (do Caribe e do sul dos Estados Unidos) em seus primeiros 23 anos de vida.

Por outra parte, a Revolução Cubana contava com todos os ingredientes necessários para impactar o jovem Che:

- Um pensamento revolucionário autóctone de raízes profundas, nutrido do melhor da cultura mundial e que tinha colocado a Ética como pedra fundamental para toda a ação e para todo o pensamento.
- Um pensamento revolucionário autóctone que sempre tinha acompanhado a palavra, a idéia, a ilusão, a esperança, o sonho, com a ação manifestada ao longo de quatro revoluções desatadas em menos de 85 anos, de onde haviam surgido duas obras pilares: uma escola militar insurgente, cuja principal arma é a ética, que hoje em dia ainda estudamos e usamos com efetividade para defender-nos do imperialismo estadunidense e as obras de muitos pensadores revolucionários, tendo seu maior expoente em Jose Marti. Sem Marti e sem o espírito de Antonio Maceo e sua família não se pode compreender por que Cuba não se desmoronou como o resto do bloco soviético,

por que sobreviveu à guerra fria e tem sobrevivido ao bloqueio mais desumano e criminoso aplicado a um povo na história da humanidade pela potência mais poderosa nos anais da história.

Estes são elementos essenciais para ter-se presente neste século XXI. O pensamento martiano e uma corrente do pensamento marxista posterior a Jose Marti, desenvolvida nos anos vinte do século passado e cujo expoente mais brilhante é Julio Antonio Mella em Cuba, permitiram a elaboração de um marxismo da subversão e não da obediência, um pensamento de questionamento total às verdades eternas do capital, dos regimes do bloco soviético e de seus partidos comunistas que se dedicaram mais a interpretar que a transformar a realidade.

Marti estudou Marx, rendeu-lhe tributo, mas também o criticou. Mella, de forma precoce em 1925, ao fundar o Partido Comunista em Cuba, no momento do ato de fundação, enfrentou as primeiras manifestações de dominação, obediência e distorção do ideal libertário da Revolução Russa de 1917.

O outro eixo a levar em conta para entender Ernesto Che Guevara é a figura, o intelecto, a ética e a ação conseqüente de seu mestre, Fidel Castro Ruz. A amizade e a comunidade intelectual que ambos estabeleceram, marcaram em boa medida a história e a sorte de nossa Revolução Cubana.

A Revolução de 1959 foi contra todo o saber e as verdades estabelecidas no Ocidente, na esquerda e na academia. Cuba era o único país do mundo onde era impensável que se desse, triunfasse e se desenvolvesse uma revolução antiimperialista que conquistasse a independência, a soberania e onde se fundassem e crescessem instituições populares inéditas de verdadeira participação popular, tanto na defesa como na distribuição do produto social nos anos de 1960.

Um dos princípios da Revolução Cubana foi que não teria sentido algum realizar ação, organização, processo produtivo ou político se não fossem

dirigidos ao melhoramento humano e à superação da alienação. Essas são as premissas indispensáveis, ao meu modo de ver, para compreender as contribuições de Ernesto Guevara de la Serna ao Socialismo do século XXI.

Ernesto, convertido em Che por seus companheiros cubanos, retoma o princípio da dúvida como método na teoria revolucionária. A teoria e o marxismo como *movimentos* e não como dogmas. A teoria marxista como base útil de ferramentas para pensar e atuar e não para colocar a realidade numa camisa de força, num sistema rígido inalterável. A teoria e a prática para subverterem, criarem e não para estabelecerem um sistema de obediência e dominação com base no discurso de que “*o partido pensou por ti e tu debes engolir*”.

No campo da teoria marxista estabelecida pela existência da União Soviética (refiro-me à economia política e seus manuais, seu socialismo e comunismo científico), Che foi taxativo, afirmou que tudo ainda estava por fazer.

Da mesma forma que Fidel, Che vaticinou que a URSS e os países do leste europeu marchariam irremediavelmente rumo ao capitalismo e expôs algumas das causas que originaram esse processo. Percebeu que o sistema soviético estava permeado dos princípios éticos, econômicos e ideológicos do capitalismo, mas não se limitou à crítica, desenvolvendo um pensamento e uma prática alternativas desde o início da Revolução Cubana.

Che deu-se conta de que, para o socialismo, há que se criar uma cultura alternativa à capitalista, e isso Che buscou nos revolucionários cubanos que, desde o século XIX, tinham presente que não se poderia construir um país independente e soberano sem bases éticas distintas da metrópole espanhola, primeiro, e do imperialismo norte-americano, depois. Quando produzimos uma bicicleta, por exemplo, não só obtemos um bem material, mas também a produção e reprodução das relações econômicas, sociais, ideológicas, jurídicas e éticas existentes. Che rechaçou a política cultural oficial que foi imposta, comprometida com o *realismo socialista* que desgraçadamente acabou sendo

aplicado por longos períodos em nosso processo revolucionário cubano e que ainda não está totalmente superado.

Che Guevara não acreditava que o desenvolvimento econômico fosse um fim em si mesmo: o desenvolvimento econômico de uma sociedade tem sentido se servir para transformar a pessoa, se lhe multiplicar a capacidade criadora, se a levar para além do egoísmo. E essa viagem do *eu* ao *nós*, do desenvolvimento da individualidade e da liberdade, não pode ser feita com os instrumentos, as categorias e a ética capitalista. Não significa renunciar à mercadoria, significa simplesmente produzir pelo valor de uso e não pelo valor de troca; produzir para satisfazer as necessidades da comunidade, da população, não pelo afã de riqueza material, esquecendo a riqueza espiritual e as necessidades materiais de toda a população e não só de uma minoria.

As novas relações socialistas de produção têm sentido se diminuïrem a alienação dos trabalhadores e tenderem a eliminá-la paulatina e definitivamente, alheias às relações econômicas e a um aparato empresarial e estatal que declaram que a propriedade é de todo o povo, porém não permitem a participação popular nas decisões, que vão desde eleger seus dirigentes até discutir e incidir nas proporções em que se distribui a renda nacional: quanto é destinado ao consumo e quanto ao investimento, à acumulação.

Che retomou as teses centrais do marxismo referidas ao desenvolvimento *integral* do processo revolucionário: a transformação da sociedade não é só um fato econômico e material, mas é simultaneamente ideal, humano, de consciência, do subjetivo; é, antes de tudo, um processo de conscientização e de criação de uma nova ética cotidiana.

Não pode haver socialismo se a economia não se submeter a uma ética, desde suas raïzes, diferente da ética capitalista. Valor de uso e consciência, criação de valores de uso para satisfazer as necessidades, acompanhadas da fundação de uma nova ética e de uma consciência alheia aos valores que imperam nas sociedades capitalistas. A consciência como elemento ativo, como força material com energia própria, Che aprendeu com o

povo cubano, com Fidel e a Revolução que o povo cubano materializou nos anos cinquenta contra a ditadura de Batista.

Che levou este conhecimento real (vivido em parte por ele próprio junto ao povo cubano) à elaboração de fundamentos teóricos e práticos para criar um sistema econômico que respondesse ao sonho de uma nova sociedade socialista e a certeza da impossibilidade de desconectar a economia dos ideais que se perseguem. Che percebeu que, se forem estabelecidos mecanismos capitalistas, não será possível aspirar, ainda que se faça muito trabalho político, a que as pessoas vivam, trabalhem e atuem, assumindo uma moral não capitalista.

Che encontrou em Cuba técnicas de direção administrativa, sistemas de contabilidade, custos, auditoria e os primeiros computadores IBM aplicados à contabilidade (os mais avançados do mundo então, em algumas multinacionais) não em Washington D.C., nem em Roma, nem em Paris, nem em Londres, mas em Havana em 1959. Na URSS e nos países do leste europeu, em troca, Che encontrou o ábaco, a contabilidade capitalista pré-monopolista do fim do século XIX e início do XX.

Che conheceu das transnacionais todas as técnicas administrativas, contábeis e de custos, mas negou-se a tomar da União Soviética seu sistema, chamado *cálculo econômico*, que empregava técnicas antiquadas referidas anteriormente e que funcionava com o sistema de categorias e a lógica que movem a economia capitalista. Não interessa somente a quantidade e a qualidade dos bens materiais elaborados, mas *o modo* como que se produzem as relações sociais que se desprendem dessa produção e distribuição.

Che não idealizava o ser humano. Numa reunião em seu Conselho de Direção do Ministério da Indústria, ele refletia:

O problema é que as pessoas não são perfeitas, daí porque há de se aperfeiçoar os sistemas de controle para detectar a primeira infração que se cometa, porque esta é a que conduz a todas as demais. As pessoas podem ser muito boas; a primeira vez, porém, quando baseadas na indisciplina, cometerem atos de furtos de tipo pessoal para repor em dois ou três dias, depois vão se envolvendo nisso e se convertem

*em ladrões, traidores e vão se afundando cada vez mais no delito*².

Che desenvolveu um modelo econômico que pode colocar em prática por quatro anos, com muito bons resultados: na criação de atitudes comunistas, fez possível que nos sentíssemos, na empresa, mais livres, mais íntegros, mais dignos, mais pessoas. Che aspirava a uma economia que estivesse em função das pessoas e não as pessoas em função da economia.

O “socialismo real” do século XX não conseguiu gerar um sistema econômico que produzisse novas relações econômicas de produção e novas relações sociais. A construção socialista deve conjugar produção, organização e consciência como fenômenos simultâneos que têm como elemento central o ser humano e, como fim, sua liberdade.

O socialismo de Che é mais próximo do comunismo das comunidades indígenas dos Andes que do socialismo real do bloco soviético. Che propôs-se a apostar nos três desafios ante os quais o “socialismo real” do século XX fracassou:

1. Um sistema econômico sem usar categorias capitalistas para seu funcionamento e uma economia eficiente em função do ser humano.
2. Um sistema ideológico-cultural alternativo ao capitalista.
3. Uma participação real e consciente da população na tomada de decisões, uma sociedade participativa.

O socialismo não é um sistema mais humano que o capitalista porque uma nova classe ou casta dominante e iluminada distribui com sentido mais justo e paternalista as riquezas produzidas, mas porque se trata de um regime de genuíno poder popular. Che Guevara tratou de aplicar ao próprio

² Guevara: “Consejos de dirección: Informe de la Empresa Consolidada de Equipos Eléctricos”, 11 de maio de 1964, *El Che en la Revolución Cubana*, ed. cit., tomo VI, pgs. 106-107.

marxismo e à sua experiência a concepção da historicidade de todo o pensamento, de resgatar sua essência, de abolir os dogmas marxistas que prevaleceram ao longo do século XX e que prefiguravam nos resultados obtidos.

Acredito que estamos na etapa do despertar, da procura, do retorno a potencializar individual e coletivamente a imaginação criativa para afrontar todos os grandes desafios, para preservar o planeta e todas as espécies viventes.

O capitalismo não tem nada humano a oferecer aos nossos povos, senão o neoliberalismo; o capitalismo marcha rumo à morte, mas ainda está vivo, muito vivo. Temos que criar muitas experiências alternativas fora dos princípios e da lógica do capital.

O conhecimento da obra de Ernesto Che Guevara pode reforçar o pensar consciente de cada comunidade, de cada etnia, gênero, povo, nação e ir criando, coletiva e individualmente, distintos modelos que respeitem a natureza, a terra e também o ser humano em sua dignidade.

Cuba, apesar dos erros que temos cometido, está de pé diante do imperialismo estadunidense, buscando ainda como apoiar este processo mundial e regional latino-americano e como encontrar nosso próprio caminho rumo à sociedade como a sonharam para toda a humanidade Marx, Engels, Lênin e, para a nossa especificamente, Céspedes, Agramonte, Maceo, Martí, Mella, Abel, Frank País, Che e tantas dezenas de milhares de cubanos anônimos que deixaram seus ossos no caminho para alcançar o sonho utópico de uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, com liberdade, poder popular real e participativo. Estamos seguros de que o alcançaremos, embora tenhamos que realizar nossa sexta revolução.

Muito obrigado.

Prof. Carlos Tablada Pérez

Pau, França, 5 de abril de 2007.